

**Cristovão Tezza**

# Escrever a diferença

**É** um dos romances brasileiros mais premiados dos últimos tempos. Em poucos meses, foi distinguido com os prêmios Jabuti, Associação Paulista de Críticos de Arte, Bravo! e, há duas semanas, com o Portugal Telecom. Chega agora ao nosso país, pela mão da Gradiva, carregando toda a expectativa que gerou do outro lado do Atlântico. Baseado na experiência pessoal do autor, *O Filho Eterno* (240 pp, 14 euros) narra a relação entre um pai e um filho com síndrome de Down, também conhecido por Trissomia 21, uma deformação genética, provocada pela presença de um cromossoma 21 a mais (três e não dois), o que pode causar algum grau de incapacidade mental ou desenvolvimentos cognitivos e motores mais lentos.

Foi um tema que Cristovão Tezza afastou da escrita durante 20 anos, mas que recentemente se impôs como matéria de um romance. A ficção e um narrador na terceira pessoa foram os meios que encontrou para se proteger do «derramamento emocional», e assim ambicionar uma certa universalidade. Foi, no entanto, o romance mais difícil que alguma vez escreveu, apesar de já ter uma vasta obra.

Nascido em Lajes, Santa Catarina, em 1952, Cristovão Tezza estreou-se com *Gran Circo das Américas*, em 1979. Publicou, até à data, doze romances, além de vários contos, peças de teatro e ensaios, nomeadamente a sua tese de doutoramento sobre Bakhtin e o formalismo russo.

O romance *Trapo*, de 1988, valeu-lhe o reconhecimento nacional, o que viria a ser confirmado nos títulos seguintes, como *Aventuras Provisórias*, *A Suavidade do Vento*, *O Fantasma da Infância*, *Ensaio da Paixão*, *Breve Espaço entre a Cor e a Sombra* (Prémio Machado de Assis) e *O Fotógrafo* (Prémio Academia Brasileira de Letras).

**Jornal de Letras: Como surgiu este romance?**

**Cristovão Tezza:** *O Filho Eterno* nasceu de um acontecimento biográfico marcante: o nascimento em 1980 de meu filho Felipe, portador da síndrome de Down. Passei mais de 20 anos sem tocar no assunto — nenhum dos meus livros anteriores faz qualquer referência a esse tema, como se ele não pertencesse à literatura, como se fosse apenas um problema pessoal. Como sabemos, problemas pessoais devem ser mantidos longe da literatura, excepto quando se tornam literatura, uma passagem que não é fácil. De alguns anos para cá, a ideia de enfrentar o tema começou a provocar-me, até que finalmente comecei a escrever. Inicialmente com a ideia de um ensaio, depois de um depoimento e finalmente como romance, com a arquitetura da ficção. Em dois anos o livro estava pronto.

**O que lhe interessou explorar literariamente na relação entre um pai e um filho com o síndrome de Down?**

Tentei me livrar do aspecto puramente exótico da síndrome — para o qual já há um farto material de orientação médica e psicológica à disposição — e me concentrar no aspecto existencial do acontecimento, entendendo-o como uma metáfora da nossa vida: o sentido de inadequação, que afinal é universal. Parece que estamos sempre no lugar errado, no momento errado — em certa medida, esse parece ser o centro da literatura que amadureceu no século XX. No livro, o nascimento do filho dá início a um retrospecto narrativo que põe do avesso, ou a nu, todo o imaginário que



FOTO DE ANDREA PACCINI

**Cristovão Tezza: «A linguagem é o atributo mais poderoso da nossa vida, ao mexer com esse vespeiro, as palavras, acabamos por ser escritos pela literatura. Como se escrevessemos para nos criar»**

plar mais ou menos típico de sua geração, pelo menos daquele ideário politicamente contestador, e existencialmente transformador, que cresceu no final dos anos 1960 para mudar a face do mundo. No entanto, no livro, ele tem dificuldades tremendas para se mudar a ele mesmo.

**A terceira pessoa foi uma forma de se proteger de uma escrita tão autobiográfica?**

Com certeza. Sei que é possível manter distância mesmo com o texto na primeira pessoa, mas nesse caso a terceira pessoa foi um instrumento técnico indispensável para me proteger do «derramamento emocional», digamos assim. E, ao mesmo tempo, deu-me condições de desbravar camadas mentais e afetivas do personagem de um modo que na primeira pessoa seria incapaz de fazer.

**E a literatura é uma forma de um escritor se conhecer a si próprio?**

Eu diria que, para o leitor, isso é verdadeiro. Um leitor de boa literatura se vê colocado em situações «duplas» que enriquecem profundamente o reconhecimento do mundo e de si mesmo. Para quem escreve, talvez de uma forma indireta. O «conhecer a si mesmo» implícito na pergunta tem uma carga pragmática que pode corroer o processo de escrever. Vou ser sincero: não sei dizer.

**Uma das epígrafes deste livro remete para a impossibilidade de alcançar a verdade. É aí que começa a Literatura?**

Acho que sim; ou, pelo menos, é um bom co-

moveu a vida do personagem. O filho está diante dele para exigir esse inventário.

**Disse que *O Filho Eterno* «foi um livro marcante na [sua] vida, muito singular, com uma enorme carga emocional». Porquê?**

Por ser o único romance com tintas biográficas que escrevi. Eu tive de me afastar de mim mesmo, por assim dizer, conquistar a «frieza» literária para transcender o aspecto confessional, e emocional, do tema. Estou mexendo com temas muito fortes da minha vida.

**Este é também o retrato da sua geração?**

Em alguma medida, sim, ainda que de forma indirecta. O pai de *O Filho Eterno* é um exem-

plar do seu trabalho. Do seu trabalho verdadeiro. Uma tensão que quase sempre escapa pelo riso, a libertação que ele tem. No balcão da maternidade a moça, gentil, pede um cheque de garantia, e as coisas se passam rápidas demais, porque alguém está levando sua mulher para longe, sim, sim, a bolsa rompeu, ele ouve, enquanto resolve os trâmites — e mais uma vez tem dificuldade de preencher o espaço da profissão, quase ele diz «quem tem profissão é a minha mulher. Eu» — e ainda encontra tempo de dizer alguma coisa, a mulher também, mas a afetividade se transforma, sob olhos alheios, em solenidade — alguma coisa maior, parece, está acontecendo, uma espécie de teatro se desenha no ar, somos delicados demais para o nascimento e é preciso disfarçar todos os perigos desta vida, como se alguém (a imagem é absurda) estivesse levando sua mulher para a morte e houvesse nisso uma normalidade completa. Volta-lhe o horror que sente diante dos hospitais, dos prédios públicos, das instituições solenes, de colunas, halls, guichês, abóbadas, filas, da sua granítica estupidez — a gramática da burocracia repete-se também ali, que é um espaço pequeno e privado. Mais tarde, ele se vê em alguma sala diante da mulher na maca, que, pálida, sorri para ele, e eles tocam as mãos, tímidos, quase como quem comete uma transgressão. O lençol é azul. Há uma assepsia em tudo, uma ausência bruta de objetos, os passos fazem eco como em uma igreja, e de novo ele vive a angústia da falsidade, há um erro primeiro em algum lugar, e ele não consegue localizá-lo, mas em seguida não pensa mais nisso. Os segundos escorrem. Dizem alguma coisa que ele não ouve; e na espera, perde a noção

acelera em desespero, tudo girando veloz e inapelavelmente em torno de um bebê, para só estacionar alguns anos depois — às vezes nunca. Há um cenário inteiro montado para o papel, e nele deve-se demonstrar felicidade. Orgulho, também. Ele merecerá respeito. Há um dicionário inteiro de frases adequadas para o nascimento. De certa forma — agora ele dava partida no fusca amarelo (eles não dizem nada, mas sentem uma coisa boa no ar) e cuidou para não raspar o pára-lama na coluna, como já aconteceu duas vezes — ele também estaria nascendo agora, e gostou desta imagem mais ou menos edificante. Embora continuasse não estando onde estava — essa a sensação permanente, por isso fumava tanto, a máquina inesgotável pedindo gás. É um terreno inteiro de ideias: pisando nele, não temos coisa alguma, só a expectativa de um futuro vago e mal desenhado. Mas eu também não tenho nada ainda, ele diria, numa espécie metafísica de competição. Nem casa, nem emprego, nem paz. Bem, um filho — e, sempre brincando, viu-se barrigudo, severo, trabalhando em alguma coisa enfim sólida, uma fotografia publicitária da família congelada na parede. Não: ele está em outra esfera da vida. Ele é um predestinado à literatura — alguém necessariamente superior, um ser para o qual as regras do jogo são outras. Nada ostensivo: a verdadeira superioridade é discreta, tolerante e sorridente. Ele vive à margem: isso é tudo. Não é ressentimento, porque ele não está ainda maduro para o ressentimento, essa força que, em algum momento, pode nos pôr agressivamente em nosso lugar. Talvez o início dessa contraforça (mas ele seria incapaz de saber, tão próximo assim do instante presente) seja o fato de que jamais conseguiu

**PRÉ-PUBLICAÇÃO**

## O Filho Eterno

— Acho que é hoje — ela disse. — Agora — completou, com a voz mais forte, tocando-lhe o braço, porque ele é um homem distraído.

Sim, distraído, quem sabe? Alguém provisório, talvez; alguém que, aos 28 anos, ainda não começou a viver. A rigor, exceto por um leque de ansiedades felizes, ele não tem nada, e não é ainda exatamente nada. E essa magreza semovente de uma alegria agressiva, às vezes ofensiva, viu-se diante da mulher grávida quase como se só agora entendesse a extensão do fato: um filho. Um dia ele chega, ele ri, expansivo. Vamos lá!

A mulher que, em todos os sentidos, o sustentava já havia quatro anos, agora era sustentada por ele enquanto aguardavam o elevador, à meia-noite. Ela está pálida. As contrações. A bolsa, ela disse — algo assim. Ele não pensava em nada — em matéria de novidade, amanhã ele seria tão novo quanto o filho. Era preciso brincar, entretanto. Antes de sair, lembrou-se de uma garrafinha caubói de uísque, que colocou no outro bolso; no primeiro estavam os cigarros. Um cartum: a figura fuma um cigarro atrás do outro na sala da espera até que a enfermeira, o médico, alguém lhe mostra um pacote e lhe diz alguma coisa muito engraçada, e nós rimos. Sim, há algo de engraçado nesta espera. É um papel que representamos, o pai angustiado, a mãe feliz, a criança chorando, o médico sorridente, o vulto desconhecido que surge do nada e nos dá parabéns, a vertigem de um tempo que, agora, se

meço. A «verdade» não é objeto da literatura; homens que pensam sobre ela, sim. A literatura é mais experiência que resultado.

**Qual é a verdade da Literatura?**

Fazendo um jogo de palavras, desconfiar da verdade.

**O que procura essencialmente a sua escrita?**

Escrever é um processo estranho, mas pelo menos num ponto, para mim, é muito claro: não é uma actividade objectiva ou pragmática. Um poeta da minha geração, e da minha cidade, Paulo Leminski, já falecido, costumava dizer que a poesia é um «inutensílio» – a mesma coisa poderia ser dita da literatura em geral, o facto de que ela não pode se reduzir a um objecto claramente delimitado e de utilidade precisa. Vou tentar dizer de outro modo: a ficção é um modo de reconhecimento do mundo, um modo

**mórias guarda desse tempo?**

Cheguei a Coimbra em Dezembro de 1974 e voltei ao Brasil em Fevereiro de 1976. Foi um dos períodos fundamentais da minha vida, em tudo – ver o Brasil de longe, viver sozinho, ler e estudar feito um louco (e com a Universidade fechada, o que foi ótimo!), perambular pela Europa, trabalhar na Alemanha, escrever meus primeiros contos, acompanhar a incrível turbulência política (felizmente sem mortes) daquele ano histórico, com seus cinco governos provisórios; e perceber (hoje) que naquele momento começava a se desenhar uma nova Europa. Aqui o lugar-comum é verdadeiro: foi um ano inesquecível.

**Qual a sua relação com a Literatura Portuguesa?**

Sempre foi boa – até porque o Departamento de Letras da Universidade Federal do Paraná, onde

**“A ficção é um modo de reconhecimento do mundo, um modo de ver e de estar nele. É assim que sinto meu trabalho”**

de ver e de estar nele. É assim que sinto meu trabalho. Mas como a linguagem é o atributo mais poderoso da nossa vida, ao mexer com esse vespeiro, as palavras, acabamos por ser escritos pela literatura. Como se escrevessemos para nos criar.

**O Filho Eterno recebeu muitos prêmios, incluindo os mais importantes do Brasil. Ficou surpreendido?**

Sim – eu não esperava essa repercussão. Sabia que o livro teria algum impacto nos leitores, mas estava um tanto céptico sobre a recepção da crítica; de certo modo, eu estava transferindo para a crítica os meus próprios preconceitos em relação ao tema. Felizmente a recepção foi muito boa.

**Como explica o sucesso do livro?**

Sinto *O Filho Eterno* como um livro de maturidade, técnica e existencial. Acho que isso está tocando as pessoas.

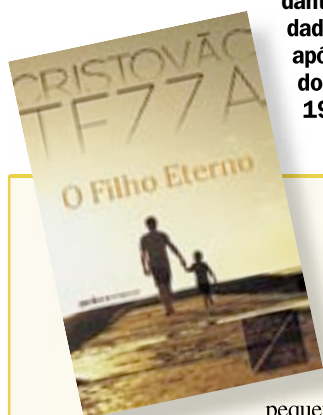
**Chegou a ser estudante na Universidade de Coimbra, após a Revolução dos Cravos, em 1974. Que me-**

do tempo — que horas são? Noite avançada. Agora está sozinho num corredor ao lado de uma rampa vazia e em frente a duas portas basculantes, com um vidro circular no centro de cada lâmina por onde às vezes ele espia mas nada vê. Ele não pensa em coisa alguma, mas, se pensasse, talvez dissesse: estou como sempre estive — sozinho. Acendeu um cigarro, feliz: e isso é bom. Deu um gole do uísque que tirou do bolso, vivendo o seu pequeno teatro. Por enquanto as coisas vão bem — ele não pensava no filho, pensava nele mesmo, e isso incluía a totalidade de sua vida, mulher, filho, literatura, futuro. Ele sabe que de fato nunca escreveu nada realmente bom. Pilhas de maus poemas, dos 13 anos até o mês passado: O filho da primavera. A poesia arrasta-o sem piedade para o kitsch, puxando-o pelos cabelos, mas é preciso dizer alguma coisa sobre o que está acontecendo, e ele não sabe exatamente o que está acontecendo. Tem a vaga sensação de que as coisas vão dar certo, porque são frutos do desejo; e quem está à margem, arrisca — ou estaria encaixado na subvida do sistema, essa merda toda, ele quase declama, e dá outro gole de uísque e acende outro cigarro. Aos 28 anos não acabou ainda o curso de Letras, que despreza, bebe muito, dá risadas prolongadas e inconvenientes, lê caoticamente e escreve textos que atafulham a gaveta. Um gancho atávico ainda o prende à nostalgia de uma comunidade de teatro, que frequenta uma vez por ano, numa prolongada dependência ao guru da infância, uma ginástica interminável e insolúvel para ajustar o relógio de hoje à fantasmagoria de um tempo acabado. Filhote retardatário dos anos 70, impregnado da soberba da periferia da periferia, vai farejando pela intuição alguma saída. É difícil renascer, ele dirá, alguns anos depois, mais frio. Enquanto isso, dá aulas particulares de redação e revisa compenetrado teses e dissertações de mestrado sobre qualquer tema. A gramática é uma abstração que aceita tudo. Desistiu de ser relojoeiro, ou foi desistido pela profissão, um dinossauro medieval. Se ainda tivesse a dádiva do comércio, atrás de um balcão. Mas não: escolheu consertar relógios, o fascínio infantil dos mecanismos e a delicadeza inútil do trabalho manual.

**Já está a escrever um novo livro?**

Depois de *O Filho Eterno*, comecei a escrever alguns contos, um género novo para mim. Uma mesma personagem passou a aparecer em vários contos, e um deles começou a tomar um jeito de romance. Estou ainda na página 30. Quero ver se no ano que vem consigo sossego – e tempo, principalmente – para ir adiante. O bem mais precioso da minha vida, hoje, é o tempo.

LUÍS RICARDO DUARTE



do tempo — que horas são? Noite avançada. Agora está sozinho num corredor ao lado de uma rampa vazia e em frente a duas portas basculantes, com um vidro circular no centro de cada lâmina por onde às vezes ele espia mas nada vê. Ele não pensa em coisa alguma, mas, se pensasse, talvez dissesse: estou como sempre estive — sozinho. Acendeu um cigarro, feliz: e isso é bom. Deu um gole do uísque que tirou do bolso, vivendo o seu pequeno teatro. Por enquanto as coisas vão bem — ele não pensava no filho, pensava nele mesmo, e isso incluía a totalidade de sua vida, mulher, filho, literatura, futuro. Ele sabe que de fato nunca escreveu nada realmente bom. Pilhas de maus poemas, dos 13 anos até o mês passado: O filho da primavera. A poesia arrasta-o sem piedade para o kitsch, puxando-o pelos cabelos, mas é preciso dizer alguma coisa sobre o que está acontecendo, e ele não sabe exatamente o que está acontecendo. Tem a vaga sensação de que as coisas vão dar certo, porque são frutos do desejo; e quem está à margem, arrisca — ou estaria encaixado na subvida do sistema, essa merda toda, ele quase declama, e dá outro gole de uísque e acende outro cigarro. Aos 28 anos não acabou ainda o curso de Letras, que despreza, bebe muito, dá risadas prolongadas e inconvenientes, lê caoticamente e escreve textos que atafulham a gaveta. Um gancho atávico ainda o prende à nostalgia de uma comunidade de teatro, que frequenta uma vez por ano, numa prolongada dependência ao guru da infância, uma ginástica interminável e insolúvel para ajustar o relógio de hoje à fantasmagoria de um tempo acabado. Filhote retardatário dos anos 70, impregnado da soberba da periferia da periferia, vai farejando pela intuição alguma saída. É difícil renascer, ele dirá, alguns anos depois, mais frio. Enquanto isso, dá aulas particulares de redação e revisa compenetrado teses e dissertações de mestrado sobre qualquer tema. A gramática é uma abstração que aceita tudo. Desistiu de ser relojoeiro, ou foi desistido pela profissão, um dinossauro medieval. Se ainda tivesse a dádiva do comércio, atrás de um balcão. Mas não: escolheu consertar relógios, o fascínio infantil dos mecanismos e a delicadeza inútil do trabalho manual.

# 1/2 PUB